

**O TRABALHO COM PROJETOS:
A CONSTRUÇÃO COLETIVA DO CONHECIMENTO.**

Como pensar em uma escola para jovens que não os ofereça espaço na construção do próprio conhecimento? Como imaginar o desenvolvimento da autonomia do aluno em um lugar onde ele não tem vez nem voz, onde seu currículo é desenhado sem considerar seus interesses e expectativas? Se a aprendizagem se dá na relação com objetos e sujeitos, como pode ser favorecida em contextos sem significado para o aluno?

Neste sentido, o trabalho com projetos representa uma excelente estratégia para propiciar a construção coletiva do conhecimento e a problematização de contextos ligados à vida do jovem. Através da vivência de situações de aprendizagem diversificada, onde o aluno se depara com o diferente, conhecimentos de várias disciplinas são mobilizados e competências são desenvolvidas.

Trabalhar com projetos, porém, implica romper com paradigmas educacionais que colocam o foco no processo de ensino e não no de aprendizagem; implica desafiar a linearidade e a fragmentação de currículos disciplinares e disciplinados, engessados por programas ditados pelos livros didáticos e comissões de vestibulares; e demanda a reorganização de tempos e espaços escolares, tradicionalmente cristalizados pelas grades curriculares. É preciso garantir espaço e tempo físico para que professores das diferentes áreas possam se encontrar, planejar e realizar atividades conjuntas com seus alunos. É necessário desmistificar a idéia de que uma visita à fábrica, uma coleta de água no rio ou a exibição de um vídeo não sejam aulas, não sejam situações de aprendizagem.

Como exige negociação e cooperação, trabalhar com projetos provoca a reflexão acerca das relações de poder na escola, e de como este pode circular entre os agentes envolvidos. Leite (1994), lembra que não se trata apenas de renovar as atividades pedagógicas tornando-as mais criativas, mas de repensar a prática pedagógica. No trabalho com projetos não cabem "alunos-esponjas", que devem absorver conteúdos prontos, dados pelo professor, seja em seu quadro de giz ou em um trabalho de campo.

Deve-se buscar o aprender a aprender, onde o conhecimento disciplinar é meio e não fim. O aluno pode assim, analisar e problematizar a realidade e nela provocar intervenções.

O jovem detém um saber e uma cultura que devem ser ponto de partida para o desenvolvimento de atividades curriculares. Projetos não são eventos pontuais ou meramente comemorativos. Quando não estão inseridos no Projeto Escolar, são simples adereços que enfeitam, mas não o enriquecem com sentido. O trabalho contextualizado (re)significa o conhecimento que muitas vezes perde o sentido na transposição didática.

A articulação entre conhecimentos das diferentes áreas é inerente ao trabalho por projetos, e por isto representam ótimos espaços para que a interdisciplinaridade aconteça de modo efetivo.

A investigação, a pesquisa, a troca, o registro do processo, característicos das atividades de um projeto, ajudam a promover a autonomia e a tomada de decisões por parte do aluno, favorecendo o exercício da cidadania. Podem-se reconstituir situações próximas daquelas do mundo de trabalho e da vida fora da escola.

O novo Ensino Médio pretende preparar o aluno para a vida e esta não propõe, como alerta Perrenoud (2000), situações sob medida, nem faz um contexto didático que dose as dificuldades. Daí a importância da construção de competências, oportunizada em várias situações de aprendizagem diferenciadas. O exercício necessário para a construção destas competências não é o de repetição de atividades, mas sim de diferentes atividades, com diferentes recursos.

Se por um lado o projeto não deve engessar o trabalho pedagógico, mas ter flexibilidade em relação a estratégias e utilização dos tempos e espaços escolares, por outro, ele deve conter em sua espinha dorsal alguns elementos que favorecerão sua inserção curricular. Destacaremos aqui, os seguintes:

- Problematização de contextos significativos para o aluno — é fundamental partir de questões que estejam ligadas à vida dos jovens. Questões que os intriguem, preocupem, excitem, emocionem. A organização do projeto deve considerar o que o aluno detém de conhecimento, crenças e dúvidas em relação à questão levantada.
- Pesquisa e seleção de fontes de informação, múltiplas em suas formas e áreas de conhecimentos.
- Relação da problemática levantada com outras, aproximando saberes das diferentes disciplinas.
- A vivência de atividades que favoreçam a cooperação, o trabalho em equipe, que aceitem e valorizem a heterogeneidade.
- O registro do percurso feito, com diferentes recursos técnicos e linguagens. A memória do projeto servirá de subsídio para outros trabalhos. É bom lembrar que cada aprendizagem fornece recursos cognitivos para outras que virão.
- A avaliação deve ser processual, por competências. Não deve se deter no conteúdo programático desenvolvido ou no "trabalho final", que caracterize a culminância do projeto. A auto-avaliação dos alunos deve ser incentivada.
- As propostas de intervenção e o levantamento de novas questões a partir do conhecimento construído.

Não se trata de estabelecer etapas ou conferir linearidade ao projeto, mas de se traçarem os objetivos a serem atingidos, permitindo, assim, a seleção de recursos e estratégias adequadas. Dentre estas metas está a construção de competências, que deve ser vista como a mais importante delas. Esta construção não se dá ancorada no vazio e por isto a mobilização de conteúdos disciplinares é fundamental. A mobilização se dará no enfrentamento das situações-problema levantadas e deve ocorrer de modo articulado. O trabalho por projetos, portanto, favorece a abordagem interdisciplinar e contextualizada.

A redefinição de tempos e espaços deve ser pensada no Projeto Escolar. Tempos e espaços rígidos desfavorecem o desenvolvimento do projeto. Por exemplo, em um projeto cuja problemática seja as enchentes causadas pelo assoreamento por lixo em um rio de uma região, professores de Biologia, Geografia e Língua Portuguesa e seus alunos podem fazer juntos, em um mesmo horário, um trabalho de campo. A "grade curricular" portanto, deve ser flexível para atender as demandas que podem advir do projeto.

Um currículo que garanta espaço para práticas pedagógicas criativas e integradoras, com certeza será terreno fértil para o desenvolvimento de projetos que mobilizem os alunos, ao mostrarem a relação entre o que se aprende na escola e na vida. Vida de jovens, escola de jovens.

Bibliografia consultada:

- ALMEIDA, Maria Elizabeth — Como se trabalha com projetos — entrevista para a revista TV Escola - n^o 22/2001.
- CRUZ, Ângela — Mobilização e participação na escola jovem — mimeo/2001.
- HERNANDEZ, Fernando — Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho — Artmed, 1998.
- LEITE, Lúcia Helena Alvares — A pedagogia de projetos em questão — mimeo, MG, 1994.
- PERRENOUD, P. — Pedagogia diferenciada: das intenções à ação — Artmed, Porto Alegre, 2000.